

CAPA

BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
Rua das Taipas, 34, 2º Dt.º - 1250 Lisboa • Telef.: 343 10 37

NR6 - 2ª Série - Novembro/95

EDITORIAL

Já é tempo de a Direcção prestar contas da sua vivência mais expressiva nestes sete meses de mandato, à luz da **carta de intenções** que norteou uma candidatura merecedora do consenso e apoio de animosos Associados.

Herdámos, prosseguindo-o com o maior empenho, o objectivo de dotar a Associação com o estatuto de pessoa colectiva de utilidade pública (sem fins lucrativos...), o qual apenas aguarda da Câmara Municipal de Lisboa o parecer favorável legalmente exigido e que tem sido concedido, na hora, pelas respectivas Câmaras Municipais às outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, mesmo constituídas depois da nossa.

Será, pois, uma questão de tempo - já que a esperança não falece no antigo estudante de Coimbra, sempre combativo pelos únicos ideais que prossegue ao associar-se: os da solidariedade!!!

Do mesmo modo e com idêntico espírito vamos *lembrando* a promessa feita pelo Poder Local da cedência de instalações condignas, que permitam desenvolver as nossas actividades e propiciar convívios mais frequentes e de mais acentuado timbre cultural, artístico e filantrópico.

Entretanto - e porque Coimbra é beirã e espalha o seu eterno encanto por todo o centro do país - a Casa das Beiras acolhe a nossa Associação como sua filiada a partir de Janeiro próximo, cedendo um espaço que se nos apresenta *de luxo*, a troco de pouco mais que a garantia da melhor vizinhança e de uma sadia camaradagem.

Sabemos que os Beirões / anfitrião não saem defraudados neste seu gesto solidário, a que todos corresponderemos com o capital da gratidão e juros acrescidos em Amizade.

O expoente da concretização de um ideal comum terá lugar na próxima comemoração da Tomada da Bastilha,

onde, a nosso convite, representantes (e muitos...) das outras seis Associações de Antigos Estudantes de Coimbra (em Coimbra, Porto, Braga, Madeira, Ilha Terceira e Faro) se juntarão num hino de alegria e união das partes no todo académico, em volta, simbolicamente, da Associação-Mãe de Coimbra e sob a égide do nosso Magnífico Reitor, sustentáculo do puro espírito coimbrão que todas querem vivificar e expandir.

A desejável transmissão desse ideal comum às gerações vindouras, garantindo a perenidade, impõe e merece a sua "corporização", numa estátua ao Estudante de Coimbra (seja em que material for...), bem no centro desta Cidade.

Será este o objecto de uma "*Petitionem*", em latim macarrónico, que as Associações presentes na Comemoração da Tomada da Bastilha vão entregar ao nosso querido Reitor que, decerto, relevará a irreverência e partilhará esse desiderato com o entusiasmo (e obra...) que todos lhe reconhecemos e a que diremos: BEM-HAJA!

Tudo isto - é consabido - pressupõe e assenta na ajuda incondicional e desinteressada dos sócios e, também em grande medida, no rejuvenescimento das Associações.

Neste sentido, o apelo que reiteradamente havemos feito encontrou frutuoso eco num Jovem sócio* que tem trazido para o nosso convívio outros e entusiastas Jovens, numa promessa da renovação por que tanto esperávamos e vamos fomentar.

Fátima Lencastre

* Segue a *profissão de fé* deste engenheiro *angariador* de sócios novos tão bem sucedido...

UM ABRAÇO DE GERAÇÕES



Corria o ano de 1987. A mui nobre e vetusta Associação Académica de Coimbra (AAC) fazia 100 anos. Um vasto e diversificado programa de comemorações foi lançado e posto em prática pela Direcção-Geral da AAC, à qual tive a honra de pertencer, incluindo-se no mesmo um sarau académico a ter lugar na Aula Magna da Universidade Clássica de Lisboa, cuja organização coube ao João Diniz, ao Pedro Miguel, ao Paulo Martins e a mim próprio.

Mas afinal, perguntará o leitor, e com razão, o que é que tudo isto tem a ver com o título dado a este artigo - "Um abraço de gerações"? Pois a verdade é que tem, e muito!

Em bom rigor, o único contacto que trazíamos na algibeira era o do Presidente da Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, que era à época o nosso querido e saudoso Eng^o Albano Martins da Costa.

Fomos ter com ele, trajados a rigor, à sua própria residência, localizada numa avenida muito bonita de Lisboa, cujo nome não sou capaz de recordar.

São momentos que não esqueço! Subimos a escada e lá fomos tocando à campainha. Vem-nos à porta um homem de olhar vivo e irrequieto, que com um sorriso simpático nos lábios nos recebeu. Ao fim de poucos instantes, e após havermos explicado resumidamente quem éramos exactamente e qual o projecto que ali nos levava, abriu-nos a sua própria casa com uma franqueza que nos tocou profundamente.

Ao fim de alguns minutos e depois de descrevermos com o devido detalhe a empresa a que nos propunhamos, o Eng^o Albano Martins da Costa, ou Albano Careca para os amigos (como ele próprio nos revelou), era já, sem qualquer exagero, o mais entusiasmado de todos os presentes.

De imediato se propôs escrever a todos os sócios da Delegação a anunciar a realização do evento, apelando à presença de todos. Após algum tempo, éramos mimoseados com a oferta de doces e bebidas com uma franqueza inexecedível.

Dali saímos plenos de gratidão pelo acolhimento amigo de que tínhamos sido alvo. Foi para todos nós uma lição de amor a Coimbra, como poucas vezes havíamos colhido na nossa curta experiência académica.

E eis que chega o grande dia! Na bonita baixa lisboeta, estudantes de capa e batina com as suas guitarras e outros instrumentos de cordas, começam a animar a Praça do Rossio, Restauradores e Rua Augusta. Era já o início de um espectáculo que Lisboa veria consagrado, à noite, na Aula Magna.

Não vos escondo a profunda emoção que senti naquele momento, quando na Aula Magna, que àquela hora já pululava de gente, com os grupos que iriam actuar a realizarem pequenos ensaios nos corredores e hall de entrada. Mas para além desta parte dos presentes, que já nos era familiar dos Saraus Académicos do Gil Vicente, havia uma outra a quem o espectáculo era particularmente dirigido, ou seja, aos antigos estudantes de Coimbra em Lisboa.

Foi então que, com a "pele de galinha" própria dos momentos de grande emoção, pude ver antigos estudantes de todas as idades, com as suas Capas e Pastas académicas fitadas, recheadas de dedicatórias que o tempo não apagou nem esqueceu. Naquele momento corri a procurar o Eng^o Albano, mas havia já muita gente na sala e não foi possível encontrá-lo antes do Sarau ter início.

Dentro de poucos instantes a Luísa Alexandra e o José Viegas davam início ao espectáculo, chamando-me a proferir algumas palavras de agradecimento a todos quantos haviam tornado possível aquela realização.

Nas singelas mas sentidas palavras que tive a honra de proferir, em nome da Direcção-Geral da AAC, disse aos presentes que estávamos ali para mostrar que a Academia de Coimbra, no momento em que festejava o seu 1^o Centenário, estava viva e queria honrar o seu passado. Fui eu que tive o privilégio de o dizer, mas foram outros que, ao longo daquela memorável noite, o provaram. Foi assim com as brilhantes e sempre rigorosas actuações do ORFEON e CORO MISTO, foi assim com a riqueza do Folclore do GEFAC e da Orquestra Típica, com a elevação cultural do TEUC e CITAC, foi assim com as actuações irreverentes e arrebatadoras da Orquestra Pitagórica e da Estudantina, que pôs de pé, em aplauso estrondoso e pedindo bis, toda a Aula Magna.

Por último (e perdoem-me por não citar aqui todos os grupos participantes), a actuação dos novos valores saídos da Secção de Fado da AAC, que fecharam com chave de ouro o nosso Sarau Académico.

Após o EFFERREÁ da praxe, saí mais uma vez à procura do Eng^o Albano. Não foi fácil encontrá-lo, mas, após algum tempo de busca incessante, vejo-o de cabeça erguida num gesto igual de busca e procura. Encontrámo-nos um em frente do outro profundamente radiantes e emocionados com o acontecimento que ambos tínhamos acabado de comungar. E foi então que o Eng^o Albano me ofereceu os seus braços para que pudéssemos realizar um gesto que é próprio dos bons amigos, dos íntimos, daqueles que há muito se conhecem e estimam mutuamente, ou seja, um caloroso e profundamente sentido abraço. O que é mais interessante é que nada daquilo éramos um ao outro. Ele era um distinto antigo estudante, com a bonita idade, se não me falha a memória, de 72 anos, eu era estudante, ainda nos bancos da Faculdade, com a idade de 22 anos. Mas a verdade é que ambos tínhamos acabado de viver momentos que vertiam de uma mesma matriz cultural, universitária e, sobretudo, académica comum.

É esta forma fraterna de estarmos uns com os outros que Coimbra nos dá e transmite de forma singular. É esta maneira de ser e estar que permitiu aquele abraço fraterno que eu pude receber e dar ao saudoso Eng^o Albano. É este, em suma, o abraço de gerações que a nossa Associação cumpre e realiza em cada momento da sua existência.

P.S. Em 2 de Janeiro do corrente ano fiz-me sócio da AAACL. No dia 6 do mesmo mês participei no nosso tradicional jantar mensal. Chegado à Valenciana, sem ninguém conhecer, fui apresentado pelo Sr. Campos à Dra. Fátima Lencastre, hoje nossa ilustre Presidente, e ao Dr. Armando Rocha, que se encontravam em amena cavaqueira no pequeno hall de entrada da sala de jantar. Logo me acolheram amavelmente e, de imediato, me convidaram para a sua própria mesa. Mais uma vez, sem qualquer conhecimento prévio, fui recebido com o calor próprio e reconfortante da Academia Coimbrã em Lisboa.

Obrigado a todos pelo acolhimento amigo e fraterno que me deram, que nunca esquecerei e que dará frutos!

António Ribeiro

PASSEIO DO OUTONO À BEIRA INTERIOR

Dando continuidade aos já tradicionais passeios da primavera e do outono, a direcção da nossa Associação levou a efeito, nos passados dias 21 e 22 de Outubro, uma visita à Beira Interior que teve uma enorme e já usual adesão por parte dos nossos colegas (156 por não haver 4º autocarro).

Aconteceu pela primeira vez no historial dos nossos passeios um facto digno de menção que aqui quero deixar registado: A comitiva partiu à hora exacta. É verdade! Que bom que em futuras viagens a pontualidade não fosse uma palavra vã! Pois foi assim mesmo... só que a caravana partiu no "Intercidades" e o combóio não deu a tradicional tolerância.

A hora matutina a que nos levantámos não fez transparecer no rosto de quem quer que fosse alguma má disposição ou rabujice. Pelo contrário, era evidente a boa disposição e a euforia dos nossos colegas que foram ocupando indiscriminadamente as carruagens que a CP tinha reservado para a nossa Associação.

A ida para Castelo Branco no "Intercidades" foi na verdade uma ideia digna do aplauso geral e que pode ser repetida noutras ocasiões. E que assim inspirou o Francisco Vasconcelos:

A transbordar de saudades,
Alegria e Sentimento,
O combóio Inter-Cidades
É Coimbra em movimento.

O traçado da linha da Beira Baixa no percurso à beira do ~~Zêzere~~ obriga-nos sempre a ter a companhia do rio e da montanha com todas as formações rochosas, algumas de aspectos inconfundíveis. Mais uma vez as Portas do Ródão nos lembram convulsões geológicas em que a água obrigou a montanha a dar-lhe passagem.

Para trás já tinha ficado o Castelo de Almourol no meio do Tejo. As barragens, com o seu espelho de água e sobretudo a floresta que povoa a montanha, completam a paisagem deslumbrante que o combóio nos proporcionou.

Chegámos a Castelo Branco e aí estavam à nossa espera os três autocarros por onde nos distribuimos pelos lugares previamente destinados (organização perfeita que não obrigou a quaisquer atrasos).

Partimos para Idanha-a-Velha, onde nos aguardava o vereador do pelouro da cultura da Câmara de Idanha-a-Nova que, em representação do presidente, foi o nosso guia. O Sr. António Figueira foi, na verdade, um cicerone que ao longo do percurso nos foi dando uma esplêndida aula de história local.

Hoje, Idanha-a-Velha é um enormíssimo campo arqueológico que tem sepultada no subsolo a história dos vários povos que ali passaram. As vicissitudes por que passou desde tempos pré-históricos estão à vista.

Os romanos fundaram a *Civitas Aegitidanorum* que foi devastada no período das invasões bárbaras. Depois, os visigodos restauraram a velha Civitas e fundam uma importante cidade -A Egitânia- que converteram em sede de diocese, uma grande diocese, por sinal que contou com um notável bispo, D. Adório, presente no 2º Concílio Bracarense em 572. Segundo a tradição, o rei Vamba teve aqui o seu berço de nascimento.

Mais tarde, a invasão islamita voltou a destruí-la e só com D. Sancho I recomeça o povoamento.

As ruínas de todas estas civilizações estão com certeza sepultadas nos campos que rodeiam Idanha-a-Velha.

O ex-libris é a sua magnífica Catedral visigótica, do séc. VI, cuja história nos foi magistralmente narrada pelo Comendador Adelino Beatriz Ramos, um homem do povo de 78 anos. Com as suas monolíticas colunas romanas, é um museu arqueológico possuidor de um acervo enorme de pedras com inscrições das diversas épocas.

Depois da visita, almoçámos em Penha Garcia no Restaurante Javali. Foi mesmo javali o prato forte que nos deu forças para subirmos até à alcantilada Penha Garcia, que tem as características de todas aquelas terras acasteladas da fronteira. Castelo em ruínas, casario em socos, a deslumbrante vista da serra de Penha Garcia, com peñegadas de "dinossauros", e mais ao longe a Gardunha. Uma vista bonita do castelo para a barragem do Pônsul obrigou as máquinas fotográficas a não descansarem:

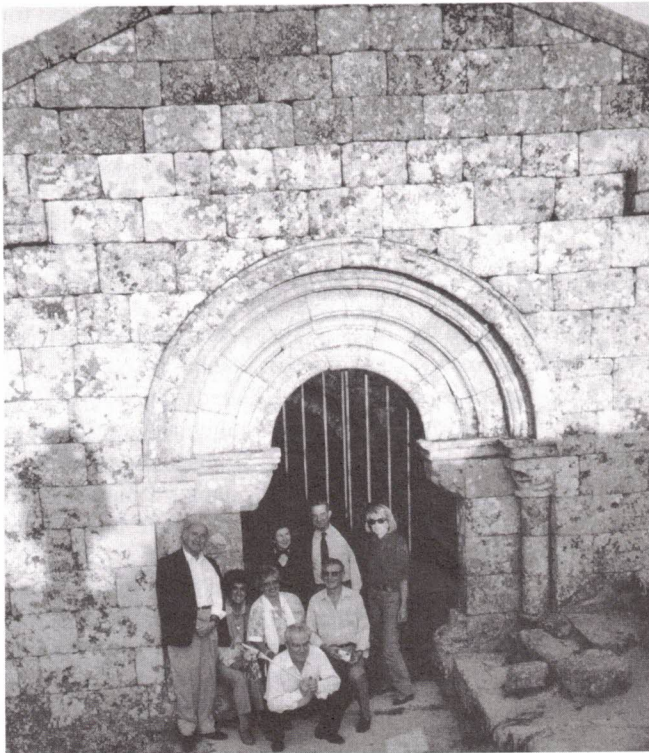


Castelo - Penha Garcia

Os autocarros seguem para Monsanto que é, na verdade, a povoação que mais interesse desperta a quem visite a Beira Baixa.

Desenvolve-se a meio da encosta, parecendo suspensa na altura. As lapas das rochas com um pequeno resguardo foram convertidas em lares e abrigos, ao longo de ruas íngremes.

Que o digam estes colegas que chegaram ao cimo:



Castelo - Monsanto

São as casas brasonadas com o seu balcão e alpendre, são janelas do século XVI, a Igreja Matriz e a Misericórdia e no alto o castelo para onde o caminho parece inacessível. É uma terra amuralhada que o tempo e os homens abandonaram. Ultimamente, foi classificada como a aldeia mais portuguesa de Portugal e isso despertou o interesse por aquele valiosíssimo património.

Fernando Namora celebrou-a nos seus romances, pela vivência que teve com aquelas gentes.

A comitiva segue para o Fundão e Covilhã, onde aguardava pacientemente o nosso querido Engenheiro Cruz Pombo, muito ilustre presidente da Câmara Municipal da Covilhã, com a sua amável e prestimosa equipa.

Quando anuí em receber os Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e o comunicou por ofício, fê-lo dum modo que nada fica a dever à velha graça e irreverência coimbrãs:

Os doutores e engenheiros formados
Na Lusitana Academia
Que por serras nunca dantes passeadas
Passarão inda além da Estrela
Em comes e bebes esforçados
Mais do que permitia o estômago humano
Entre gente serrana mastigarão
Um jantar que todos sublimarão.

Depois do lauto jantar que nos ofereceu, houve os

habituais discursos que o protocolo não dispensa. Falou a nossa presidente Fátima Lencastre, que sublinhou a maneira fidalga como a Associação foi recebida, deixando os agradecimentos para o Gustavo Cerdeira, que o fez nestes versos espontâneos:

Senhor Presidente,
foram belos os momentos
com que nos quis brindar,
momentos esses
p'ra sempre recordar.
Do seu coração
de beirão,
nem outra coisa
seria de esperar.

Quanto ao jantar,
que gentilmente
e "graciosamente"
nos ofereceu,
quer em qualidade,
quer em quantidade,
foi de um tal requinte
que o mestre mais exigente
daria um vinte.

E o apetite
a nenhum de nós faltou.
A comer, como comemos,
pedimos meças...
Pela boca morre o peixe,
morre a carne, morre tudo
quanto vier nas travessas.

Coimbra
também nos ensinou
que para viver
é preciso comer
e, sobretudo,
acima de tudo,
beber.

E olhando agora
para toda esta gente
muita dela
não saberá, certamente,
que Pombo é um dos nomes
do Senhor Presidente.

E que Pombo genial,
nem sequer lhe foi preciso
esperar por amanhã
p'ra fazer do seu Pombal
uma terra paraíso
a que chamam Covilhã.

Em seguida ao jantar, os autocarros partiram para o Tortozendo, onde, no Teatro dos Amigos do Tortozendo, se realizou o Sarau que estava programado.

O sarau foi abrilhantado pelas Estudantina Universitária Feminina e Estudantina Universitária Masculina da Universidade da Covilhã, com toda a sua graça e juventude.

A nossa Associação tomou parte no sarau com a representação da “Ceia dos Pontos Cardeais”, já conhecida, mas adaptada à cidade da Covilhã. O espectáculo terminou com uma Serenata em que actuou o nosso grupo “Serenata de Coimbra”, (que a dedicou à Margarida Murta Rebelo, de cujo falecimento tivemos notícia momentos antes): Francisco Vasconcelos à viola e Serrano Batista à guitarra, com os cantores Alcindo Costa, Barros Ferreira, Tito Costa Santos, José Henriques e Augusto Camacho. Foram bastante aplaudidos pela assistência que encheu completamente o Teatro. Um momento de grande emoção que a todos tocou foi a recordação de um grande vulto que por aquelas terras passou: o médico Pedro Camacho, que foi presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e que é ainda recordado com grande saudade. Associou-se profundamente comovido o Augusto Camacho, que em memória do seu irmão cantou o “Fado do Fim”.

No dia seguinte, o passeio continuou com a visita a Sortelha.

Esta velha povoação, que teve foral de D. Sancho I, deve o seu nome à palavra castelhana "SORTIJA" (anel) que se pode ver na sua pedra de armas. É uma povoação muralhada à qual dá acesso uma íngreme calçada com enormes rochedos sobrepostos à sua direita. No alto, está o velho castelo, com o pelourinho à ilharga, onde este grupo disfrutou uma soberba vista:



Castelo - Sortelha

Todas as povoações hoje abandonadas só foram incorporadas definitivamente na coroa portuguesa depois do Tratado de Alcanizes. Até aí, eram terras de Castela e de

Portugal conforme a sorte das armas.

Fez-se uma rápida visita ao complexo que pertenceu às Águas Radium e que depois da sua desactivação está a ser reconvertido pela Sociedade Ibérica de Turismo, que nos recebeu com um beberete e um Grupo Folclórico que actuou em homenagem da nossa Associação.

Partimos para o Fundão, onde almoçámos na Estalagem da Neve, debaixo de frondosas árvores. Foi um almoço memorável, com pratos deliciosos e requintadamente servido.

A viagem está a chegar ao fim. Aguarda-nos em Castelo Branco - cidade que foi criada por D. José I em 1771 para que nela se pudesse mais dignamente estabelecer a catedral da nova diocese - o Dr. Ernesto Pinto Lobo, antigo estudante de Coimbra que nos recebe em representação do Presidente da Câmara com palavras de muita amizade e simpatia. A partir dos célebres Jardins do antigo Paço Episcopal, foi falando da cidade, dos seus monumentos e naturalmente da sua História.

Com um lanche generosamente oferecido e uma volta pelo Castelo, terminou a nossa visita.

Finalmente, o comboio aguarda-nos na estação de Castelo Branco, com 3 carruagens esplêndidas de 1ª classe reservadas para a nossa Associação.

No regresso não se deu pelo tempo. O Alcindo com a viola e a sua voz suave foi o grande animador da viagem. Tito, Vasconcelos, Lobo, Pitarma, e outros, aderiram ao espectáculo. Ouviram-se lindas canções desgarradas e até uma História de Portugal... em verso, cantada pelo Tito.

Deste modo terminou o passeio do Outono, que o F. Vasconcelos assim cantou:

E cá vou eu, de viagem
no meu passeio de Outono...

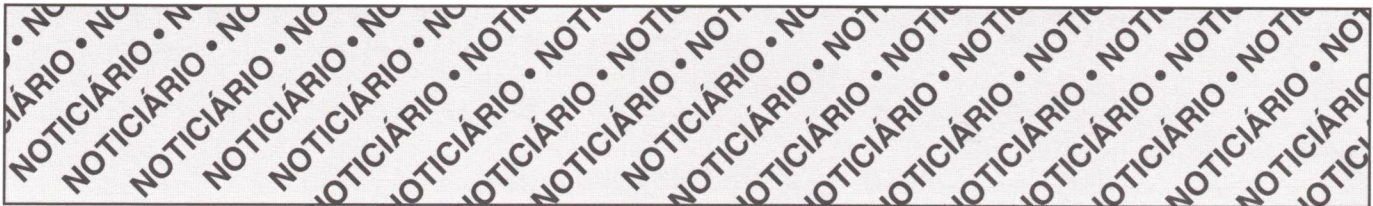
A correr pela paisagem
feita de tempo sem dono...
Imóvel, na madrugada,
o rio parece um espelho
opaco, velho,
a reflectir-se em nada.

Ai, meu passeio de Outono
em que o Sol bem se esforçava
para ver se despertava
pálpebras tontas de sono...

Que passeio foi o meu,
que me soube ao que não era?

- É que o Outono sou eu,
e vem longe a Primavera,
e vai longe a Primavera!...

(Extraído do relato do passeio
escrito por Augusto Camacho)



Jantar de Junho (dia 2)

Conforme anunciado na primeira Circular emitida por esta Direcção, o jantar de Junho foi abrilhantado pela dissertação que o nosso Colega e Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Almeida Santos, fez a propósito do livro de poemas **Coimbra Nunca Vista**, da autoria do também nosso Colega Manuel Alegre, que brindou a numerosa assistência com o dizer, tão genuíno, de alguns desses poemas.

Para quantos (e infelizmente muitos...) dos nossos Sócios não presentes, aqui registamos, (apenas por escassez de espaço), os seus intróito e fecho. Rezam assim:

“O último livro do meu querido camarada e amigo Manuel Alegre é uma mentira que é verdade.

Vai-se a gente ao título - “Coimbra nunca Vista” - e espera encontrar mistérios insondáveis, ou no mínimo insondados. Outra Conimbriga? Uma pegada de Camões, a confirmar o Trinca-Fortes das pugnas viris dos ermos de Montarroio? Ou dele um soneto deixado na pedra morena do Mosteiro de Santa Cruz, a registar o contemplativo de “vão as serenas águas do Mondego correndo, mansamente, e até ao mar não param...”?

Nada disso. O que está por dentro do título são realidades e temas que a quase todos nós serão familiares: “as rosas que se transformam em palavras” e em pão; Abril e Maio, constantes, de certo modo premonitórias, da sua poética; “a litúrgica melopeia da noite”; os Arcos do Jardim; o Jardim Botânico; Santa Clara a Velha; a Quinta das Lágrimas; “a elegia do Parque no Outono”; o Vale do Inferno; “o cheiro das castanhas em Dezembro no Lago de Sansão”; “os fumos das fogueiras dos ciganos”; o olho vigilante dos cocas; o Bentes; Delgado no Largo da Portagem; o Formidável; Miguel Torga no seu consultório; Paredes, Bettencourt, Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, (“corpo grande e alma de menino”); a “guitarra quase subversiva” de António Portugal.

Por isso o título, de repente, parece mentira. Todos vimos esse “nunca visto”.

E no entanto ele é verdade.

É verdade porque ninguém teve ou tem os olhos com que tudo isso ele vê. A sensibilidade com que tudo isso sente. O deleite com que converte Coimbra, como ele gosta de dizer, numa “Índia por descobrir”.

A “Coimbra nunca vista” é afinal - sendo por isso verdadeira - a cidade vista como só ele a vê, a sente, a pressente, a ama e por isso descobre. É Coimbra nele ou através dele. Talvez seja ele em Coimbra. A busca de si mesmo nela.” e

“Portugal deve a Manuel Alegre um estudo sério e profundo da sua obra poética. Enquanto não pagar essa dívida haverá por certo um Manuel Alegre “nunca visto”, no mesmo sentido em que a sua

Coimbra o é. Apesar de lido, declamado e cantado como poucos poetas o terão sido, Manuel Alegre, homem, resistente, orador parlamentar, prosador e sobretudo poeta, permanece em certa medida um filão por explorar.

Com novas pepitas de ouro, podem crer.

Mas o seu melhor há-de apesar de tudo ser sempre a sua vida de resistente intemerato. Preso, exilado, perseguido por amor à liberdade e à justiça, nunca deixou que em si penetrasse o ódio. Cantou o que quis ser, foi e é o que cantou.

Tenho orgulho em ser seu camarada e seu amigo.

Manuel Alegre: tu és o teu melhor poema.”

Informamos os mais interessados que a aludida dissertação se encontra inserta, na integralidade, na obra intitulada “Civismo e Rebelião” que o Almeida Santos deu a lume recentemente, ao mesmo tempo que “Vivos e Dinossauros - Uma Perspectiva Ecológica” - tendo de ambas as obras literárias feito preciosa oferta à Associação.

* *
*

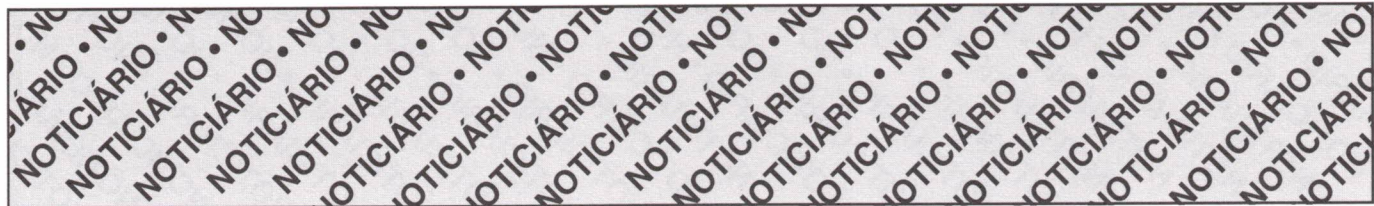
25º Aniversário do Dia do Antigo Estudante de Coimbra

Nos dias 3 e 4 de Junho, tiveram lugar as “Bodas de Prata” do Dia do Antigo Estudante de Coimbra, comemoração anual levada a efeito pela A.A.E.C. em Coimbra, em que a nossa Associação não se havia feito representar nos últimos anos, por razões que, hoje, já pertencem - e bem - à história...

Assim o frisou, com a autoridade e elegância que lhe são peculiares, o nosso Magnífico Reitor na habitual sessão de cumprimentos, salientando vivamente tratar-se de um dia memorável, pela alegria e esperança no fortalecer da solidariedade entre todos os Antigos Estudantes de Coimbra, (qualidade que reivindica para si próprio em primeiro lugar) que



Grupo de Antigos Estudantes de Coimbra



e pela Dr^a Teresa C. Macedo do Conselho Directivo da mesma Universidade e por outras individualidades que se referiram à obra do Pintor, enaltecendo a firmeza do seu carácter e a sua vincada personalidade de democrata.

Seguiu-se, por fim, a actuação da Estudantina daquela Universidade e um Concerto de guitarradas do Carlos Paredes pelo grupo "Torre D'Anto".

A esta exposição estiveram presentes muitos associados e membros da Direcção da nossa Associação.

* *
*

2º Aniversário da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto

A convite dos aniversariantes, a nossa Associação fez-se representar pela presidente Fátima Lencastre e pelo vice-presidente Alcindo Costa nos festejos comemorativos do 2º aniversário da constituição da nossa congénere no Porto, que ocorreu no dia 4 de Novembro.

Desenrolou-se, num clima de colaboração com a Câmara Municipal da Maia e o Grupo de Fados da Associação néofita, um animado sarau no Forum daquela localidade, seguido de uma suculenta ceia, bem ao gosto (e generosidade...) da gente nortenha.

Que viva *ad perpetuum* o seu espírito académico!

* *
*

"Miguel Torga e o Universo" - Conferência

Em concretização do desígnio de colaboração da nossa Associação com outras entidades, a nossa sócia Fernanda Godinho Esteves, a convite do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, brindou a numerosa assistência com uma aturada resenha sobre a vida literária do Miguel Torga, emprestando-lhe o mérito já realçado nos prólogos e críticas feitos às suas obras intituladas "Na Sela do Vento" e "Tempos e Gentes"; e o nosso Grupo "Torre D'Anto" acompanhou o inexcédível Luis Góis, que cantou divinalmente dois poemas do Miguel Torga, a ressoar ainda hoje nas abóbadas do Palácio Galveias!...

* *
*

Homenagem Nacional ao Menano

Decorre de 18 a 26 deste mês, em Coimbra, com a

participação das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra no continente, que integram a Comissão Executiva (a operacional...), a merecida comemoração do centenário do nascimento do António Menano, a quem o Fado de Coimbra tanto deve.

Constará do próximo Capa e Batina uma reportagem tão completa quanto possível deste memorável acontecimento .

PRÓXIMAS ACTIVIDADES

Comemoração da Tomada da Bastilha

No dia 2 de Dezembro, no Casino do Estoril, com o Programa já enviado (Circular nº 6/95).

Nela se vai prestar Homenagem ao Albano Martins da Costa e vão confraternizar, pela primeira vez, as 7 Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra (no Continente e Ilhas), com a indispensável presença do nosso querido e Magnífico Reitor.

Festa do Natal - Dia dos Reis

No dia 5 de Janeiro, no Altis Park Hotel (às Olaias), às 20 horas. Embora anunciada para 15 de Dezembro, a proximidade com a Tomada da Bastilha aconselha a que, neste ano, festejemos os Reis Magos num convívio especial de solidariedade natalícia.

Inscrições: até ao fim do dia 3 para a nova Sede (Telef. 849 45 65) ou para o hotel (Telef. 846 08 66) .

Preço: 4.500\$00 (grande e delicioso Buffet).

NOTAS:

1. A Casa das Beiras situa-se na Av. Almirante Reis, nº 256 - 1º Esq. em Lisboa, ficando para uso da nossa Associação. Telefone: **849 45 65** e o Fax 840 86 64.

2. A Direcção deliberou reservar um espaço no Capa e Batina para anúncios, a preços de "saldo". Quem estiver interessado é favor contactar a nova Sede.

3. Apela-se - de novo - aos sócios que procedam à liquidação das suas quotas, condição indispensável para continuar detendo essa qualidade e usufruir dos inerentes benefícios.

Será desta vez que os nossos colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, enviando os selos do porte?!